

## **Euzébio de Queiroz Coutinho Barcellos: aquele que inventou a si mesmo**

**Beatriz Ana Loner<sup>1</sup>**

Escravo Euzébio/Dr. Euzébio. Entre estas duas denominações, transcorre a trajetória do personagem desta comunicação, que inventou seu próprio nome, guardando apenas seu prenome, dado por sua mãe, a também escrava Ângela, no distante ano de 1848, quando nasceu. Ao longo de sua vida, Euzébio nunca se conformou com as limitações/ restrições que a vida lhe parecia apontar, demonstrando muita versatilidade em vários aspectos de sua vida, tanto profissionais, educacionais, etc. Apesar de ter nascido como escravo e continuado nessa situação até adulto, ele é um exemplo de que mesmo pessoas com essa séria desvantagem de origem na sociedade escravocrata, poderiam, em um contexto social mais tolerante, rapidamente se reciclar, configurando-se de nova maneira, inventando uma nova identidade pessoal e sendo aceito por parte do meio social em que vivia.

Esta pesquisa faz parte de um minucioso e lento processo de desvendamento das trajetórias tomadas pelo grupo urbano de trabalhadores negros de Pelotas, formado nas últimas décadas do Império e que se desenvolveu principalmente durante a primeira república. Este grupo, formado por livres e escravo, ou ex-escravos, demonstrou capacidade organizativa e política suficiente para transformar-se em parte importante da liderança sindical e operária na primeira república, além de formar uma rede associativa consolidada na cidade. Depois de tratar destes vários indivíduos em grupo, pretende-se agora individualizar suas trajetórias, procurando, através de seus caminhos, descobrir os limites a que estavam subordinados, os objetivos que os guiavam e a razão de suas escolhas, bem como analisar os meandros contextuais que lhes permitiram sobressair-se e ir além do que a própria sociedade havia estabelecido para pessoas com suas marcas de origem.

---

<sup>1</sup> Professora associada da Universidade Federal de Pelotas, doutora em Sociologia. Tiveram participação decisiva na coleta de material para este artigo, os alunos da graduação, licenciatura em História da UFPel, Miguel Angelo Cunha Filho e Ubirajara Soares Monteiro.

Esta comunicação tem como ponto central, a trajetória de Euzébio, filho de negros mina, nascido escravo como seus pais, em Pelotas, Rio Grande do Sul e que chegou a proprietário de imóveis, membro do Partido Republicano do Rio Grande do Sul e médico com placa na porta e título de doutor na frente do nome, em meados dos anos de 1920. Sua trajetória, muito mais que curiosa, chama a atenção pelo que traz de potencialidades aproveitadas por uma personalidade ágil e voluntariosa, que nunca se conformou com o papel que a sociedade pretendia lhe impor, desde seu nascimento. Neste sentido, Euzébio inventou seu destino, iniciando pelo seu próprio nome, pois de seu teve apenas o prenome Euzébio, filho da “ preta Ângela, escrava de Cipriano Roiz Barcellos” como está escrito em sua certidão de batismo, datada de dia 13 de setembro de 1849, embora ele tenha nascido um ano antes, em 05 de agosto de 1848<sup>2</sup>. Não sabemos quem foi seu pai, sobre ele só a observação, feita muitos anos depois, de que também seria africano, talvez mina, segundo informações mais recentes e ainda a serem analisadas. E todas as observações feitas sobre Euzébio coincidem em que ele seria negro, não mestiçado. Seus padrinhos eram livres, o que talvez tenha lhe trazido alguma vantagem em sua vida, pois ele aprendeu a ler e escrever, provavelmente até antes de ser liberto.

Contudo, seu proprietário, Cipriano Rodrigues Barcellos, foi dono de dois saladeiros em Pelotas, o que não trazia bom prognóstico para sua vida, pois o trabalho nas charqueadas era extremamente duro e árduo e costumava esgotar as pessoas muito rápido, com o ritmo intenso na safra( novembro a maio) sendo propício ao desenvolvimento de doenças, dos quais aquelas do aparelho respiratório e das articulações, com traumas ósseos ou dores nas costas e reumatismos, eram as mais comuns. Em 1862, porém, ele e sua família passaram a outro proprietário, numa venda coletiva de 55 escravos, provavelmente, todo o lote de uma das charqueadas, devido a ela estar hipotecada a Domingos Soares Barbosa ( GUTIERREZ, 2001).

Seus novos proprietários eram sobrinhos e afilhados do anterior, e provavelmente a venda/compra foi feita exatamente para que não fosse perdido todo o lote de escravos para o credor- ou como parte da herança- as fontes são dúbias neste caso. Na época, Euzébio tinha cerca de 14 anos e nos papéis de venda, foi colocado

---

<sup>2</sup> Bispado de Pelotas. Livro 2, de batizados de escravos de 1835 a 1852, página ....

como servente, o que significa que já começara a trabalhar na charqueada, como auxiliar<sup>3</sup>.

Do seu proprietário, Euzébio trouxe o sobrenome Barcellos, que vai usar durante toda sua vida. Contudo, também parece ter igual respeito pelo nome que ele próprio se deu: Queiroz Coutinho, às vezes, inclusive, assinando-se apenas como Euzébio Coutinho. Não se pode deixar de perceber que estes patronímicos devem ser uma homenagem a Euzébio de Queiro Coutinho Matoso da Câmara, ministro do Império entre 1848 e 1852 e, neste cargo, autor da lei que conseguiu impedir definitivamente o tráfico de escravos para o Brasil e que leva seu nome. Talvez tenha sido por influencia direta de sua mãe, uma nagô que veio em navio negreiro para o Brasil e que talvez tenha passado para o filho as suas impressões e angústias do pesadelo pelo qual passou, desde seu seqüestro na África até a chegada ao Brasil e a Pelotas, em particular.

Contudo, não se tem informação a respeito, até porque ele nunca referenciou sua mãe em seus documentos. Sabemos que teve três irmãos: Domício e Teófilo, que foram vendidos juntamente com ele, o primeiro com seis anos e o segundo com um ano e Julia, recém nascida e alforriada. A história de sua mãe parece também ser bem interessante. Ela integrou o lote de 55 escravos vendidos em dezembro de 1862, por Cipriano Barcellos. Contudo, em julho deste mesmo ano de 1862, ela havia conseguido sua alforria condicional, embora pós-morte de seu senhor e condicionada ainda ao pagamento de 500\$, da forma que pudesse<sup>4</sup>. Na página 427 do mesmo volume, entretanto, tem também a alforria no batismo de sua filha Julia, nascida em primeiro de julho de 1862 e alforriada em 27/08/1862, sendo seu padrinho Cândido Antônio Barcellos, exatamente um dos irmãos e sobrinhos de Cipriano Barcellos, os quais pouco depois vão comprar o lote de escravos. Não é preciso muita imaginação para descobrir-se o motivo da alforria no batismo da filha e a liberdade condicional da mãe, conseguida pouco antes, quando ela já estava grávida desta filha. Tudo indica, portanto, que ela tenha seguido ao lado deste novo senhor e sua filha recém-nascida, talvez não tendo

---

<sup>3</sup> Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul ( APERS). Documentos da Escravidão, livro de Compra e venda de Escravos, volume 2, p. 83.

<sup>4</sup> APERS, Catálogo das Cartas de Liberdade dos municípios do interior, vol. 1, p. 426.

dado a atenção necessária aos demais. Em honra ao seu nome, devemos dizer que nada mais encontramos sobre os dois menores, Domício e Teófilo, se sobreviveram e para quem foram revendidos, o que pode indicar que permaneceram com a mãe.

Contudo, Euzébio, com 14 anos, já era grande o suficiente para ser aproveitado no trabalho e, em algum momento, passou a outro dono, pois quando se libertou, em 1883, ele era propriedade de Cosme Rodrigues Barcellos e sua profissão era de carpinteiro. tinha trinta e um anos, na data de 26 de janeiro de 1883, como consta do livro 4 dos cartórios de registros especiais de Pelotas<sup>5</sup>. Sua liberdade foi conseguida gratuitamente, “ pelo afeto e amizade de seu senhor”. Ora, sabe-se que, naquela data, a mercadoria escrava tinha perdido substancial parte de seu valor, devido a campanha abolicionista em curso. Mas libertar um escravo ainda com boa capacidade de trabalho e especializado gratuitamente, era ainda de estranhar, pois a maioria das alforrias da época era condicional.

Pode-se especular, entretanto, algumas hipóteses: no mesmo lote vendido em 1862, aparece o escravo Cosme, então com 22 anos. E em 1868, este Cosme, então dito com 32 anos, africano e de profissão carpinteiro, será alforriado pelos sobrinhos de Cipriano, pela quantia de 1:200\$000, quantia esta que será paga por um dos seus donos, Candido Alves Pereira (?). No mesmo momento são libertos outros dois escravos do mesmo lote, Lino, africano, 40 anos, pedreiro, por 1:350\$, também pagos por Candido Alves e José, preto, nagô, de profissão servente, com 75 anos por 250\$, preço com o qual constava no inventário. Pode-se imaginar que um deles, ou todos, poderiam ser parentes de Euzébio, tios, pai ou avô, mas realmente, é só especulação, entretanto, com fundamento, pois Euzébio, de alguma forma, vai passar as mãos de Cosme para enfim ser liberto. E a profissão dos dois é a mesma, o que significa que podem ter trabalhado juntos, ainda nas charqueadas, com Euzébio aprendendo o ofício com Cosme e depois terem se dirigido a cidade, após a libertação do segundo.

O que se pode deduzir é que Euzébio não mais trabalhava em charqueadas quando adulto, pois ele é frequentemente encontrado em notícias de jornais na cidade, mesmo em época de safra, como quando, em fevereiro de 1881, citado como Euzébio Barcellos, ele aparece como fazendo parte de um grupo que aposta em loterias. Este grupo parece ser misto, pois composto de gente livre e escrava ainda, mas é muito

---

<sup>5</sup> idem, vol 1, p. 555.

heterogêneo, talvez tendo se formado da mesma forma que um bolão é feito hoje, pois os números ficaram depositados em mãos do dono da Cigarraria Bom Fumante e não há motivos válidos para a extrema variedade de seus membros, que incluem, inclusive um médico e um alferes descendente de Domingos de Almeida, charqueador da cidade e procer da revolução farroupilha, ao lado de artesãos afro-descendentes ( A Discussão 26/2/1881). Mais fácil de entender é que, em uma sociedade de apostas para loterias, um pouco mais formal que este precursor do bolão citado anteriormente, ele é o depositário, como tesoureiro, dos bilhetes da grande loteria do Ipiranga, comprados pela Associação Lotérica Feliz Lembrança, ( Correio Mercantil, 7/12/1880).

Um parêntesis para explicar o caso destas apostas: a partir de 1876 e com seu auge exatamente neste ano de 1880/1881, a cidade de Pelotas viveu um auge de apostas em loterias, que criavam muitas expectativas em todos os setores sociais, tanto pelo valor alto dos prêmios, como pelo fato de que Pelotas foi sucessivamente contemplada, seja na loteria de Montevideú, de Porto Alegre, ou, como acontecerá neste caso, com o premio maior de um mil contos de réis, da Loteria para a construção do Monumento do Ipiranga, na qual 8 pessoas, todas pobres, quatro afro-descendentes e, dentre elas, duas escravas, vão ganhar primeiro prêmio, neste valor<sup>6</sup>.

Entende-se, portanto, porque tantas apostas em tal loteria, que realmente mobilizou milhares de pessoas em todo o país. Infelizmente, para Euzébio, ele não foi um dos contemplados com a sorte grande, embora possa ter empatado o dinheiro apostado, pois uma série de premios menores também teve por destino a cidade pelotense, já que o volume de apostas em Pelotas era muito grande, desproporcional ao tamanho da cidade, o que se refletia, por sua vez, no número de bilhetes cuja sorte contemplava a cidade. Se Euzébio tirasse a sorte grande, poderia ter-se alforriado, como vários outros escravos o fizeram. Mas realmente, Euzébio ainda teria que batalhar por mais dois anos para que conseguisse ser livre.

Voltando a questão: se Euzébio estava na cidade e participando dessa espécie de histeria coletiva pelas loterias, é indicio de que não mais trabalharia na charqueada, pois exatamente os meses de dezembro e fevereiro, datas em que é citado, são momentos do auge da safra e quando a carga de trabalho pode chegar a 15 horas por dia, com o

---

<sup>6</sup> Sobre este fato, já o trabalhei em alguns artigos, ainda inéditos, mas será apresentado por mim em maio deste ano, comunicação no VI Encontro Escravidão e Liberdade, em Porto Alegre, sob o título: *Loterias como passaporte para a liberdade: a sorte e seus eleitos no final do século XIX.*

trabalho começando a meia noite e terminando no meio da tarde. Dificilmente uma pessoa submetida a esse ritmo de trabalho poderia se ocupar com estas atividades, muito menos com ser o depositário ( portanto, pessoa de confiança e facilmente encontrável) de uma associação lotérica, a qual tinha diretoria composta, como pode-se ver:

Associação Lotérica Feliz Lembrança:

A grande loteria de São Paulo

A primeira turma pertencem os bilhetes 197790 a 197799. A segunda turma os números 176196, 176197, 176198, 176199, 197758, 197759, 176200, 197758, 197759, 176200, 197760, 197761 1 197763.

Os bilhetes acham-se depositados em poder do tesoureiro da associação, sr. Euzébio Barcellos.

Pelotas, 3/12/1880

C. e Silva, Secretário (Correio Mercantil, 7/12/1880)

Claro está que pode-se aventar a hipótese de que houvesse outro Euzébio Barcellos envolvido e que nos escapasse este fato. Entretanto, não foi achado outra ocorrência de mesmo nome na cidade naquela época e o meio em que este Euzébio estava, nesta entidade, é compatível com sua identidade social. Mas Euzébio também já havia aparecido anteriormente na diretoria da Irmandade do Rosário para o ano de 1880/1881, conforme informou o Correio Mercantil em 6/10/1880.

Portanto, tudo indica que ele foi poupado dos árduos trabalhos dos estabelecimentos saladeris. Como escravo urbano é mais fácil de entender que ele tenha se alfabetizado e que possuísse uma cultura média, expressa em um palavreado afetado, que muito vai utilizar posteriormente e estivesse plenamente integrado a comunidade negra urbana de Pelotas. Talvez tenha sido nesse seu período de juventude, que ele tenha começado a aprender danças e bailados, o ensino das quais, depois de livre, vai ser seu ganha-pão por muitos anos.

Euzébio foi reconhecido por parcela significativa da comunidade negra pelotense, tanto que fez parte da primeira comissão do Centro Ethiópico em outubro de 1884 (A Discussão 17/10/1884), quando já era livre. Este Centro foi criado pelos afro-descendentes para representá-los na campanha da emancipação de 1884, ou seja, no grande esforço de transformar todos os escravos em contratados com liberdade sujeita a prestação de serviços, que foi uma das grandes campanhas de meados da década de 1880 aqui no sul, vista e encaminhada pelos senhores como forma de terminar com a questão da escravidão de forma moderada e gradual.

Neste cargo, como em outros posteriores, vai aparecer uma característica fundamental de Euzébio: sua ligação com a Igreja Católica, provavelmente um dos meios que ele teve para ser reconhecido pela comunidade negra. Esta aliança esteve presente em toda sua vida, iniciada ainda enquanto era escravo, com a participação em duas irmandades negras: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, já citada e a irmandade ( ou Devoção) de São Benedito, que parece ter menos recursos que a anterior ( motivo pela qual não conseguimos a nominata de sua diretoria pelos jornais) , mas da qual Euzébio foi seu juiz protetor em 1908, auxiliando ainda na fundação do Asilo São Benedito para crianças de cor, no qual aparece em cargos de direção, especialmente nas primeiras décadas (1900 e 1910).

Quanto a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, ele ainda está presente em sua direção em 1928, pouco antes de sua morte, então como o primeiro nome de sua mesa administrativa. Neste momento, ele apresenta-se com um Dr. na frente de seu nome ( Opinião Pública, 10/02/1928). Mas chegaremos lá.

Cumpramos antes falar que ele também foi liderança da sociedade Mutualista Fraternidade Artística em 1883, logo depois de sua liberdade, então, pois esta sociedade era de artesãos afro-descendentes, mas não aceitava escravizados. A partir de 1885, ele vai ter uma participação mais constante na diretoria desta entidade, normalmente nos cargos vinculados a Comissão de Contas, em parceria com Manoel Conceição da Silva Santos, outra grande liderança negra católica e abolicionista. Em 1890, faz parte da junta governativa da associação, em momento de crise, mas depois volta a sua posição habitual na comissão de contas, na década de 1890. Ainda em termos de sociedades mutualistas, participou da Sociedade Progresso da Raça Africana, que existiu durante alguns anos, na função de tesoureiro entre 1891 e 1893, pelo menos. ( Diário Popular, 6/5/1893).

Euzébio cuidou também de ter participação política e assim aparece seu nome como eleitor no alistamento de 1900, no qual é informado que teria 45 anos, casado e artista. Contudo, apresenta-se como filho de Corina Barcellos, o que não corresponde a pesquisa feita, pensando tratar-se de um equívoco do escrivão, o que era comum acontecer, pela nossa própria experiência na utilização deste material em relação a eleitores negros. Posteriormente, em 1916, ele vai reivindicar, em disputa com o jornal O Dia, " Como cidadão brasileiro, filiei-me ao pujante Partido Republicano, desde a sua

fundação." Nisso, seguiu a trajetória de muitos artesãos da cidade, brancos ou afro-descendentes, que se filiaram a este partido ainda em seus inícios, devido ao papel que este representou na campanha abolicionista no estado e as esperanças de cidadania, igualdade e melhoria das condições de vida que foram associadas ao republicanismo em seus primeiros anos no sul. Embora, provavelmente, tenha se desiludido depois, como a maior parte dos trabalhadores, não havia outra opção partidária dentro do limitado sistema eleitoral da época e pertencer ao partido do governo trazia benesses importantes, especialmente para quem tinha desvantagens nítidas, expressas na cor da pele e na origem social<sup>7</sup>.

A partir do início do novo século, cessam as notícias sobre ele nos jornais, o que significa que diminuíram suas participações em entidades. Deveria estar trabalhando bastante e dedicando-se a amearhar bens de raiz, entre eles propriedades, que lhe permitissem uma vida tranquila na velhice e deixar sua filha amparada. Euzébio, entretanto, continuou a prestigiar e participar ativamente das associações vinculadas a Igreja, entre elas as irmandades e o Asilo já comentados, e também a Sociedade União Pelotense, uma entidade criada pela Igreja para aproximá-la dos operários e na qual ele participou em várias diretorias.

Mas Euzébio continua participando de entidades negras, agora recreativas. Por exemplo, em 1908, temos registrada a participação de sua filha em atividades da entidade recreativa negra, muito vinculada a Igreja católica, *Flores do Paraíso*, o que é uma iniciativa louvável de um pai zeloso para que sua família se integre a comunidade negra urbana pelotense.

Pouco sabemos de sua família, mas sua única filha, Marina, nasceu em 1888 e ele consta como casado em 1900 e viúvo em sua certidão de óbito. Ela casou-se com Manoel Francisco da Silva Araújo, mas desquitou-se em 1929, pouco após a morte do pai, com 41 anos de idade. Observe-se que também esta atitude não era comum naquele tempo, especialmente em Pelotas, que já estava muito interiorana então. Talvez por este motivo, ela tenha vendido a casa que herdara dos pais em 1932 e, provavelmente

---

<sup>7</sup> Sobre as relações dos trabalhadores negros e brancos com os partidos na cidade, veja-se LONER (2001). Especificamente sobre os temores e a política de disciplinamento da mão de obra no estado gaúcho, PESAVENTO, 1989). Em relação às expectativas dos trabalhadores com a República, veja-se, entre outros, GOMES, 1988).

abandonado a cidade, que seria muito intolerante, seja nos circuitos brancos, seja na rede associativa negra, para uma mulher desquitada como ela.

De toda forma, seu pai lhe deixou uma casa avaliada em 12\$000.000, com três aberturas e terreno de 7,30 por 46 m de fundo, o que deve ter sido suficiente para lhe garantir uma vida confortável. Na polêmica enfrentada por Euzébio com os redatores do jornal O Dia, em 1916, esta casa foi descrita como " muito confortável, debaixo de vários pontos de vista"

Em setembro de 1916, o jornal O Dia<sup>8</sup>, recém lançado ao meio jornalístico de Pelotas, e provavelmente necessitando de leitores, resolveu fazer uma série de reportagens-verdade sobre a exploração da credulidade da população pelo que o periódico chama de charlatões, curandeiros e feiticeiros. Inicia sua expedição aos " antros" ou "templos da perdição", como os chama, pelo curandeiro Euzébio da Silva, que é negro, com cerca de 40 anos e que já teve algumas passagens pela polícia, inclusive comentadas pelos jornais locais. A reportagem vai, disfarçadamente até os pretensos " feiticeiros", alegando precisar de seus cuidados profissionais, e depois ridiculariza-os em reportagens que tentam descrever seus procedimentos curativos, com ênfase no amealhamento de dinheiro, e incidindo na galhofa sobre os rituais, altares e outros procedimentos destes. Como prova, o jornal manda para análise em laboratório idôneo, o conteúdo das beberagens que lhes são entregues como "receitas" aos seus males Dia 25 de setembro, o jornal volta suas baterias então, para "o outro Euzébio", o nosso conhecido Euzébio Barcellos, que também atendia pessoas em sua casa para tratar de assuntos diversos.

Ora, devido a extraordinária coincidência da existência de dois Euzébios, ambos negros e curandeiros, Euzébio Coutinho já fora obrigado a distinguir-se de Euzébio da Silva, em esclarecimento veiculado em jornal em maio de 1915, o qual ele republica dia 26 de setembro, pelo jornal O Rebate e, a partir de então, desenvolve acesa polêmica com o Dia. No esclarecimento pelo Rebate (26/9/1916), Euzébio Coutinho primeiro se distingue de Euzébio da Silva, que é bruxo e frequentemente está metido com a polícia

---

<sup>8</sup> As reportagens de O Dia, encontram-se neste mesmo jornal dos dias 18 de setembro de 1916, até 5 de outubro do mesmo ano.

e depois passa a nomear seus títulos. Como é o único momento em que ele sintetiza sua vida, vamos colocar sua visão:

Tendo chegado ao meu conhecimento que a semelhança de nomes e principalmente de alcunhos faz com que muitas pessoas ou por maldade ou por ignorância propalem tratar-se de mim, venho agora desfazer tal equívoco.

Sou filho daqui, meus pais eram africanos, educaram-me conforme suas posses e conhecimentos, e eu tive a felicidade de viver sempre em perfeita harmonia nesta cidade.

Fui casado e atualmente sou viúvo, contando 67 anos de idade.

Há muitos anos venho dando instruções de danças, tendo sido os meus ensaios freqüentados por muitos dignos moços, comerciantes, acadêmicos, empregados do comércio, operários, etc., e isto sempre com a máxima simpatia e respeito.

Sou conhecido pelas autoridades e pelas pessoas de minhas relações, como chefe de família e respeitador da ordem, e também proprietário nesta cidade, residindo a rua Marques de Caxias N. 470.

Como cidadão brasileiro, filiei-me ao pujante Partido Republicano, desde a sua fundação.

Possuo o título de sócio benemérito de varias sociedades, sendo sócio fundador da benemérita Sociedade União Pelotense. ( O Rebate, 26/9/1916).

Veja-se que ele busca sinais de respeitabilidade, representados pelo partido e pela própria Igreja Católica. Seu passado de escravo é silenciado, provavelmente porque poderia trazer à lembrança dos seus leitores, associações com feitiçaria, mandingas e coisas do gênero, mas pode-se pensar que ele tampouco gostava de ser visto assim, pois a frase sobre seus pais africanos é significativa.

A partir daí, condena as reportagens pelo seu teor sensacionalista, acusa os jornalistas que a fizeram de mentirosos e envolvidos com tortura<sup>9</sup>. Como os jornalistas também descrevem uma sessão de consultas com ele, em sua própria casa, demonstrando que possui estátuas de santos na sala, aceita que receita remédios caseiros e defende-se:

A minha casa está franca a devassa do público e das autoridades. Ali não há bruxarias, nem mandingas, nem feitiços, nem burandangas congêneres. Tenho um altar com os santos que venero. Isso é um direito que ninguém me pode extorquir, pois a Constituição do meu país garante a liberdade de cultos, maximé portas a dentro do meu lar. ( O Rebate, idem)

---

<sup>9</sup> Não fica claro o contexto dessa acusação, que necessita ainda ser investigada.

Após insinuar que o objetivo do jornal é fazer chantagem com ele, extorquindo-lhe "o que tenho honestamente adquirido", afirma que haveria assinaturas de diversos vizinhos e amigos a seu favor, e garante já ter trazido até a redação de O Rebate, várias pessoas que atestaram suas curas.

Nos dias seguintes, o Dia volta a carga, contando episódio em que Euzébio Barcellos teria iludido uma pobre senhora e sempre dizendo esperar a realização do exame da beberagem enviada para o laboratório.

Quanto a Euzébio, como continuam as acusações, ele revida, colocando uma lista de assinaturas de vizinhos que negam ser ele bruxo e afirmam ser bom vizinho e que sua casa está sempre aberta ( e que alguns deles, a frequentam, não havendo bruxedos lá) . E depois, parte para a acusação direta:

Saiba o João Ninguém das torturas, que me não troco por si e por toda a sua bagagem. Sou preto, mas me considero muito acima de cafajestes como esses que me estão agredindo porque não lhes quis tapar a boca com alguma nota do tesouro, de alto valor, ou com algum dos meus bens de raiz, que tanto os desespera(sic). Nunca andei fugido, nunca fui condenado por caluniador, nunca roubei a propriedade literária de outrem, nem andei as voltas com a polícia. Jamais fui encontrado bebendo ou nos antros de perdição, às voltas com as marafonas de ínfimo jaez, como era visto, no Rio Grande, o sevandijo que ora me ataca, procurando cuspir-me o pus da sua alma podre e repelente. ( O Rebate, 28/9/1916)

Ao final deste artigo, as acusações são ainda mais diretas e desafiadoras, como um desabafo, impossíveis de se acreditar que viessem de quem teria alguma coisa a temer, por parte do público e das autoridades, menos ainda tratando-se de um escravo:

Agora, faça o mesmo o compodócio TORTURA.

Apresente, como eu, um atestado de sua conduta ou o mais leve documento abonatório das suas qualidades morais.

Farçante! Pulha!

Se ele tivesse brio, quebraria a pena que tanto tem poluído e achincalhado, para entrar para a empresa do lixo e meter-se entre varais, único lugar que lhe compete.

Engana-se o biltre se supõe que eu me submeterei as suas diatribes. Hei de ver gastal-o com a minha altivez, dizendo o que ele foi o que é e o que há de ser – um nulo, chato, pretensioso e charlatão, que vive sonhando grandezas, quando não passa de um...

qualquer coisa.

Pelotas, 28 de Setembro de 1916  
Euzébio de Queiroz Coutinho Barcellos (O Rebate, 28/9/1916)

Veja-se que Euzébio é o único a vir a público e desafiar seu oponente, apelando para a liberdade de culto e para sua posição de cidadão brasileiro. Se encontra espaço com o jornal O Rebate (que era da oposição ao PRR), para veicular suas respostas, seguramente também tinha amigos poderosos no governo, pois na mesma época e para terminar de vez com o episódio, ele consegue sua placa de médico, que vem de Porto Alegre, e é descerrada em frente a sua casa festivamente, com direito inclusive a fogos de artifício. Isso era permitido pela orientação positivista seguida pelo PRR no comando do estado gaúcho e que permitia aos que quisessem exercer a medicina, que fizessem, sem exigir diplomas( GILL, 2007).

Desolado, ao O Dia só resta acusar a polícia e a secretaria de higiene de cumplicidade com " o mandrião". Pior mesmo é quando o jornal é forçado a colocar o resultado da análise do conteúdo da garrafa dada a ele por Euzébio e que, segundo o laboratório, não contém nada mais do que ervas caseiras, não nocivas à saúde.

Ainda mais, numa rápida análise propiciada inclusive pela descrição que os jornalistas fazem do consultório de Euzébio, fica evidente que boa parte do seu sucesso público é provocado pelo seu envolvimento com a Igreja Católica, pois o próprio O Dia reconhece que " A ação do Euzébio é preponderante sobre as pessoas católicas, pois começa de intencioná-las com uma grande cruz de metal amarelo que traz pendente da cintura, lado direito" ( O Dia, 25/9/1916). Seu altar é cheio de velas e santos e ainda obsequiou os repórteres, com uma preleção sobre a medicina atual, que considerava "improfícua"... " uma vez que não é inspirada por F. PRAXEDES, S. ZACARIAS e S. SEBASTIÃO". (idem).

Euzébio também não ficava indiferente aos problemas enfrentados pela comunidade negra. Nesse sentido, aos 76 anos de idade, temos sua participação em posição de destaque, na fundação e desenvolvimento da associação Centro Cívico Alcides Bahia, formada para evitar que um deputado negro, eleito, não fosse diplomado pelo Congresso Nacional, devido a sua cor. Nesta Associação, o Dr. Euzébio de Queiróz Coutinho Barcellos era presidente ( Libertador, 25/4/1924.)

Bem, acho que ficou claro porque se considera que Euzébio inventou a si mesmo, com razoável dose de autonomia( MATTOS, 1998), podemos acrescentar. Ainda como escravo sempre sonhou alto e quando livre, nunca calou a boca sem defender seus direitos. Entretanto, não foi excepcional, foi apenas um entre outros que também mantiveram esta atitude e que apenas o trabalho cuidadoso e lento de pesquisadores em descobrir suas rotas e escolhas pode desvendar. Nossa pesquisa ainda tem alguns lances a descobrir, entre eles, os termos da licença de médico de Euzébio. Mas para encerrar, queremos ainda colocar o seu sepultamento, tal como noticiado pelo jornal Diário Popular, porta voz do Partido Republicano Rio Grandense na cidade de Pelotas:

Faleceu, ontem, o benquisto cidadão, nosso amigo Sr. Euzébio de Queiroz Coutinho Barcelos, médico licenciado, contando a avançada idade de 80 anos, viúvo, e natural desse estado.

O corpo foi colocado em fina urna de madeira de lei, estilo francês, e ricamente guarnecido com emblema prateado e acolchoado com veludo roxo, e conduzido em carro de primeira classe, ao cemitério, onde ficou depositado na catacumba da Irmandade da Nossa Senhora do Rosário n. 49. As cerimônias fúnebres tiveram lugar, com crescido acompanhamento, a cargo da casa Constantino Ribeiro

O extinto gozava de geral apreço, sendo sua morte muito sentida.

A exma. Família enlutada apresentamos sentidos pezames. ( Diário Popular, 7/6/1928)

Nada mal para um ex-escravo, filho de africanos e nascido numa charqueada,, não é mesmo?

### **Referências bibliográficas:**

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ,1988.

GILL, Almeida. *O mal do século: Tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas. 1890-1930* Pelotas: ed UFPel, 200 7

GUTIERREZ, Ester. *Negros, charqueadas e olarias*. Pelotas: EDUFPel, 2001.

LONER, Beatriz. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande*. Pelotas: EdUFPel, 2001.

PESAVENTO, Sandra . *A emergência dos subalternos*. Porto Alegre, Ed.UFRGS/ FAPERGS, 1989.

MATTOS, Hebe de. *Das cores do silêncio. os significados da liberdade no sudeste escravista*.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

**Fontes Primárias:**

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul ( APERS). Documentos da Escravidão, livro de Compra e venda de Escravos, volume 2.

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul APERS, Catálogo das Cartas de Liberdade dos municípios do interior, vol. 1.

Bispado de Pelotas. Livro 2, de Batizados de escravos de 1835 a 1852.

**Jornais pelotenses**

A Alvorada- 1948

O Dia- 1916

O Rebate 1916

Diário Popular, 1928.

Correio Mercantil

Opinião Pública.

A Discussão